

Análise narrativa do Discurso Eclesial de Mt 18: uma releitura do discurso comunitário, a partir dos pequenos discípulo

João Paulo Góes Sillio¹

Resumo: O capítulo 18 do evangelho de Mateus é dirigido somente aos discípulos. Apresenta, no entanto, um destinatário implícito: as lideranças da comunidade, as quais possuem a tarefa de dirigir a comunidade, no processo da interiorização do projeto de Jesus. Todavia, continua sendo um discurso que vale para todos. Mt 18 é perpassado pelos eixos *crisológico* e *teológico*, os quais iluminarão a compreensão da catequese *mateana*. Utilizar-se-á método da Análise Narrativa, na leitura do texto bíblico de Mt 18.

Palavras-chave: Comunidade cristã. Cristologia. Teologia. Lideranças. Análise Narrativa.

Abstract: Chapter 18 of the gospel of Matthew is addressed only to the disciples. However, it presents an implicit recipient: community leaders, who have the task of directing the community, in the process of interiorizing the Jesus project. However, it remains a speech that is valid for everyone. Mt 18 is traversed by the *Christological* and *Theological* axes, which will illuminate the understanding of the catechesis of Matthew. The Narrative Analysis method will be used when reading the biblical text of Mt 18.

Keywords: Christian community. Christology. Theology. Leadership. Narrative Analysis.

INTRODUÇÃO

O evangelho de Mateus é considerado o evangelho eclesial. Fruto de uma comunidade que pertence a um contexto histórico-social bastante desafiador. Uma leitura atenta desta catequese revelará que seu autor é, ao mesmo tempo, pastor e teólogo.

Mateus, em seu trabalho redacional e evangelizador se revelará um autêntico teólogo, ao se fazer atento à realidade que o circunda. O catequista do primeiro evangelho, no intento de responder a uma comunidade questionada e vilipendiada pelo judaísmo formativo da época, recuperará a saga do povo de Israel e relerá as suas tradições à luz da pessoa de Jesus de Nazaré.

1 João Paulo Góes Sillio fez a sua iniciação científica, concluída em 2017, como bolsista do CNPq, enquanto cursava a Graduação em Teologia na FAJE, concluída em 2018. Foi orientando do Prof. Dr. Jaldemir Vitório, e teve seu plano de trabalho vinculado ao projeto de pesquisa de seu orientador, intitulado “Tradições teológicas do Novo Testamento”, ligado ao grupo de pesquisa “A Bíblia em leitura cristã”. Seu artigo foi indicado pela instituição ao 15º Prêmio Destaque na Iniciação Científica e Tecnológica do CNPq em 2018 (referência 2017). É também graduado em Filosofia pela Faculdade João Paulo II (FAJOPA), curso concluído em 2012. João Paulo é atualmente Administrador Paroquial da Paróquia Sagrada Família, em Botucatu (SP).

Nosso objetivo será o de mostrar como a comunidade dos discípulos e discipulas do Reino, de hoje, podem, à luz do Discurso Eclesiológico (Mt 18), reorientar a sua caminhada eclesial, pautando-se pelos ensinamentos do evangelho de Jesus. Para tal, aplicaremos o método da Análise Narrativa, na leitura do texto bíblico de Mt 18.

O capítulo 18 do evangelho de Mateus é dirigido somente aos discípulos. No entanto, o discurso comunitário tem um destinatário implícito: as lideranças da comunidade, as quais possuem a tarefa de dirigi-las no processo de interiorização do projeto de Jesus. Todavia, continua sendo um discurso que vale para todos.

Para adentrarmos no discurso eclesial de Mt 18, se fará necessário percorrer brevemente a história da comunidade do primeiro evangelista, permanecendo fiel ao seu contexto, e atento ao trabalho teológico empreendido pelo autor, na medida em que faz uma releitura da história e da tradição de Israel para a comunidade à qual escreve. Poderá o Discurso eclesial, proposto pelo evangelista Mateus, iluminar e reorientar a práxis eclesial das comunidades dos discípulos e discipulas do Reino, hoje?

1 UMA COMUNIDADE EM CONTEXTO DE CRISE

A comunidade de Mateus não é localizada na catequese evangélica de forma explícita. Somente mediante um elemento que aparece na obra *mateana* pode-se constatar que ela situa-se em Antioquia da Síria. Em Mt 4,24, o evangelista informa que a fama de Jesus chegou à Síria. Ela apresenta-se como uma comunidade judeu-cristã. Nessa perspectiva, para ler, contemplar e compreender o Evangelho de Mateus, o leitor deverá estar atento ao ambiente da comunidade e suas tradições judaicas e religiosas.

As comunidades cristãs, bem como a de Mateus consideravam-se um movimento intra judaico. Sequer pensavam em romper com sua matriz. Frequentavam o templo (At 2,46) e as sinagogas. Os cristãos até mesmo insistiam com os novos adeptos para que se fizessem judeus, antes de aderirem ao movimento de Jesus.

Mas a relação com o Judaísmo sofreu sério desgaste, com a eclosão da Guerra Judaica (66-70, d.C), a qual resultou na destruição do Templo de Jerusalém e na devastação da cidade. O acirramento das relações se deu, primeiramente, porque os cristãos refugiaram-se em Péla, deixando seus patrícios à sorte dos romanos. Após a revolta, nos anos 80, os remanescentes tomaram para si a tarefa de reformular o Judaísmo.

Reunidos em Jâmnia, o grupo dos sobreviventes deu início a reforma. Optaram pela unificação das práticas religiosas. Fixaram um calendário comum para as festas, bem como uniformizaram as liturgias sinagogais. Foi fruto, também, dessa atividade de uniformização, o estabelecimento do cânon das Escrituras Judaicas. Em contrapartida, as comunidades cristãs afirmavam ainda mais sua identidade e assumiam posturas nada convencionais frente aos “reformadores”. Nem sempre se coadunavam com as tradições religiosas daquele grupo e se

opunham à postura de fechamento apregoada por eles. Admitiam gentios em seu meio, sem que se submetessem à lei de Moisés. A isso, soma-se o fato de que o movimento do galileu seguia o Seu modo de vida e Seus ensinamentos.

O Judaísmo proposto pelo grupo de Jâmnia, preocupado em salvaguardar o seu projeto, passou a excluir das sinagogas os grupos que faziam frente à nova configuração religiosa. Como expressão desta excomunhão, inseriu-se na oração das dezoito bênçãos, *Shemonê esrê*, a oração (ou benção) contra os hereges (*Birkat háminim*), a qual amaldiçoava os que se recusavam a aderir ao novo estilo judaico².

Devido à fé em Jesus, bem como a recusa do modo de vida imposto pelo judaísmo da época, a comunidade de Mateus, viu-se envolta numa crise de fé e identidade. Ora, o contexto suscitava-lhes questões vitais,

(...) quem seria o Messias Jesus, por quem tinham abraçado a fé? Seria correto renunciar a fé dos pais para trilhar um caminho novo? A fé cristã consistiria, necessariamente, na negação ou abandono de tudo quanto acreditavam até o aquele momento? Quais vantagens poderiam advir da opção por Jesus? Seria de acordo com a vontade de Deus submeterem-se às exigências dos líderes da sinagoga? (VITÓRIO, 1998, p.45).

Neste horizonte, o trabalho teológico, hermenêutico e catequético de Mateus se fará necessário. O evangelista revela-se um autêntico pastor, atento à realidade que o circunda, e preocupado com o bem de sua comunidade. Solidário com ela, vê-se empenhado em ajudar a superar as crises de fé. Assim, o trabalho teológico do catequista bíblico consistirá em compreender a pessoa de Jesus, a partir dos grandes personagens e da própria história do povo de Israel.

Desse modo, Mateus levará a cabo sua tarefa, insistindo que, os cristãos não podem ser considerados judeus renegados; antes, são o verdadeiro Israel, formado a partir da ação messiânica de Jesus Cristo; eles não se sublevaram contra a tradição religiosa judaica, pelo contrário, com a ajuda do Messias Jesus a reinseriram na raiz, seu verdadeiro sentido, correspondente ao querer do Pai; a comunidade-Igreja é a verdadeira continuadora da antiga tradição religiosa de Israel.

Ora, o esforço de reinterpretação das tradições e da história do povo de Israel, usado como expediente literário para a redação do evangelho, só pode ser levado a cabo por alguém que sabe tirar do baú de seu lar coisas novas e velhas (Mt 13,52). É o que faz de Mateus um proeminente teólogo e catequista, que, atento à realidade que o cerca, pode reinterpretar as tradições religiosas de seu povo à luz de Jesus de Nazaré, e animar sua comunidade em crise.

2 Era como se lhes cassassem a cidadania, e fizessem deles apátridas. Negar-lhes a condição de judeus significava tirar-lhes o chão debaixo dos pés. (VITÓRIO, 1998, p.47).

2 JESUS CONFRONTADO COM AS PERSONAGENS E A TRADIÇÃO DE ISRAEL:

Os questionamentos acerca de Jesus, vindos do contexto histórico em que a comunidade *mateana* vivia, somada à postura exclusivista e excludente do grupo de Jâmnia, bem como a autocrítica de sua comunidade fizeram com que o teólogo Mateus buscasse no baú da tradição religiosa e na história dos antepassados a hermenêutica para a vida do mestre crucificado. A tarefa de confrontar a pessoa de Jesus com as tradições Judaicas não pode ser compreendida como uma tentativa apologética, a de salvaguardar a imagem de alguém, mas deve ser vista como o esforço de confirmar a vida de fé da comunidade.

Constatam-se três preocupações patentes em Mateus. Primeiro, mostrar como a vida e a obra de Jesus harmonizam-se perfeitamente com a tradição de Israel, na esteira das grandes personagens da história. Em segundo lugar, indicar que o profeta de Nazaré rompe com a história passada. Por fim, acenar para superioridade de Jesus em relação a estes elementos. Continuidade, ruptura e superação darão o toque da cristologia mateana, em todos os seus aspectos. (cf. VITÓRIO, 1998,p.48).

Mateus serviu-se dos métodos usados pelos rabinos nas sinagogas. Fez, então, uso do *midrash*³, o qual consistia na tentativa de buscar novos sentidos para as Escrituras, escondidos nas entrelinhas do texto bíblico. Mais precisamente, o *midrash haggadá*, utilizado na interpretação dos textos narrativos. O evangelista interpretou a vida e história de Jesus a partir do confronto com os personagens de sua tradição, tais como Davi, o profeta Moisés, Salomão, o profeta Jonas. A figura do Servo de YHWH do Deutero-Isaías, bem como os profetas Elias e Eliseu também serviram à catequese mateana, no intento de compreender a vida e ação de Jesus.

2.1 DAVI

O personagem Davi está presente logo no início da narrativa de Mateus. O chamado evangelho da Infância, apresenta Jesus como Filho de Davi, na belíssima genealogia composta pelo evangelista (Mt 1,1-17), acenando-o como o *davidita* esperado.

Mateus enfatiza essa releitura acerca de Jesus, a partir do modo como elabora a genealogia, evidenciando a importância do número 14. Segundo a *gematria*, simbologia numérica utilizada pelo judaísmo, cada letra do nome em questão possuía um valor, e no caso de Davi temos: D=4; V=6; D=4, totalizando catorze. O autor demonstrou na genealogia essa interpretação no v.17, ao dizer que “*de Abraão até Davi são quatorze gerações; de Davi até o exílio na Babilônia são quatorze; do exílio da Babilônia até Cristo são quatorze (Mt 1,17)*”, de modo a enfatizar que a esperança messiânica, personificada no Novo Davi culmina em Jesus. Vale lembrar, ainda, que o texto da genealogia não tem pretensão de ser uma crônica histórica,

3 O termo *midrash* origina-se do vocábulo hebraico *derash*, que significa procurar. Existem dois tipos de aplicação para esse método: o *midrash halaqá*, o qual fornece interpretações para os textos legais, e o *midrash haggadá*, que procura interpretar as narrativas bíblicas (VITÓRIO, 1998, p.48).

mas apresentar uma realidade teológica: Jesus de Nazaré supera a Davi (cf. VITÓRIO, 1998, p.48).

2.2 MOISÉS

O grande líder do povo de Israel também se faz presente nos relatos do evangelho da infância. Mateus serve-se, uma vez mais, do *midrash haggadá* acerca de Moisés, ao narrar a fuga do recém-nascido com Maria e José para o Egito. A perseguição ao menino Jesus, empreendida por Herodes, corresponde a uma releitura da trama perpetrada pelo faraó, em dar cabo de todos os hebreus recém-nascidos do sexo masculino. Nesse sentido, Mt 2,11-18 deve ser lido levando-se em consideração Ex.1,8 – 2,10. A mensagem desta narrativa é a seguinte: O Pai, o mesmo Javé do Antigo Testamento, interveio em favor do filho Jesus, destinado a “salvar o seu povo dos seus pecados” (Mt 1,21)

A vida de Jesus, na perspectiva de Mateus, se desenrola sob os olhos atentos do Pai, conforme acontecera na história do povo de Israel, no Egito. Tanto a vida do pequeno hebreu Moisés, quanto a do menino Jesus, transcorrem mediante a proteção de YHWH. As personagens do nascimento agem sob a orientação do Pai.

A figura de Moisés se faz presente, também, como pano de fundo para Mateus no sermão da montanha (Mt 5 – 7). Nesse sentido,

“Jesus, qual novo Moisés, subiu ao monte e começou a ensinar a seus discípulos, acompanhado da multidão (Mt 5,1-2). A referência ao monte é uma evocação do Monte Sinai (Ex 19). O ensinamento de Jesus relembra o Decálogo confiado ao povo, como Lei suprema, parâmetro ético para os israelitas (Ex 20,1-21) (VITÓRIO, 1998, p.48)”.

Na pessoa de Jesus, a comunidade cristã encontra o líder do verdadeiro Israel. Mateus, ao refazer os passos da história do povo à luz de Jesus, o reinterpreta como o novo Moisés. Como Moisés liderou a peregrinação do antigo Israel, Jesus encabeçaria a formação do verdadeiro Israel. Na cena do batismo de Jesus, o evangelista viu a relação com a travessia do Mar vermelho (Ex 14,15-30). Nesse sentido, fiel à missão recebida do Pai, a de salvar o povo, Jesus insere-se nas fileiras dos pecadores desejosos de conversão e perdão. Assim, constata-se o núcleo constituinte do verdadeiro Israel: os marginalizados e excluídos.

O capítulo 4º do evangelho de Mateus inicia-se com a narrativa das tentações (1-11). Elas relacionam-se com a caminhada do povo rumo à terra prometida. “Jesus foi levado para o deserto pelo Espírito” como, no passado, YHWH conduzira Israel pelo deserto. Ao ser tentado, Jesus comprova sua fidelidade ao Pai e ao seu projeto, diferentemente do antigo líder do povo. A firmeza com que enfrentou as tentações foi um claro indício de como seu coração estava firmemente centrado em Deus, diferentemente do sucedido com Moisés e com o povo liderado por ele (cf. VITÓRIO, 1998, p.51.52).

2.3 SALOMÃO

A figura de Salomão, segundo Mateus, ajuda a compreender a pessoa de Jesus. O leitor deve voltar aos relatos do evangelho da infância. A visita dos magos narrada em Mt 2,1-12 é uma releitura da narrativa da visita da rainha de Sabá à Salomão (1Rs 10,1-13). Os visitantes, peritos da astronomia, vieram de longe à procura do rei nascido, e ao encontrarem, “*prostraram-se e o adoraram*” (Mt 2,11). Como o antigo rei atraía a admiração de povos longínquos, o mesmo acontecia com Jesus, o Filho de Deus.

2.4 O SERVO DE YHWH

A citação usada por Mateus em 8,17, “Ele levou nossas enfermidades e carregou nossas doenças”, destaca o seu trabalho redacional. A imagem do Servo de YHWH, que com seu sofrimento em benefício da humanidade toma para si o sofrimento alheio, é paradigmática para a cristologia dos sinóticos. É, pois, a rocha firme sobre a qual os evangelistas lançam os alicerces para suas catequeses evangélicas. Sobretudo nas narrativas da Paixão e morte de Jesus.

Mateus interpreta para sua comunidade o trecho do quarto cântico do servo de YHWH, à luz de Jesus. Na perspectiva do evangelista, o Servo Jesus, tirou o peso que oprimia a humanidade. Por meio de sua ação pode libertar o ser humano de toda a opressão da doença e do pecado, a fim de que este pudesse acolher livremente o Reino anunciado por Jesus (cf. VITÓRIO, 1998, p.49).

2.5 ELIAS E ELISEU

As figuras de Elias e Eliseu são relidas na narrativa do batismo de Jesus (Mt 3,13-17). Conforme dito acima, a melhor maneira de compreender a vida e missão de Jesus seria considerá-la a partir da via profética. Para Mateus, em Jesus se concentram as características dos antigos profetas da tradição de Israel: a fidelidade a Deus, a coragem em anunciar e denunciar e o zelo incansável, evidenciadas nas atitudes de Elias e Eliseu. Nessa perspectiva, Jesus é considerado o profeta por excelência.

2.6 CITAÇÕES DE CUMPRIMENTO

O evangelista serve-se de um recurso literário para relacionar a vida de Jesus com a tradição do AT: “Para que se cumprisse o que o Senhor falou por meio do profeta...” São as chamadas citações de cumprimento. O verbo *cumprir* traduz o grego *plerôo*.

O sentido da citação de cumprimento não deve ser mal compreendido, como se a vida de Jesus fosse pautada por um script: estava previsto no Antigo testamento e se cumpriu em

sua vida. Esta é uma forma equivocada de se compreender o sentido do cumprimento das Escrituras por meio de Jesus. Como que se sua vida tivesse sido uma mera aparência. Esta tendência de cunho docetista fora corrigida nos primeiros séculos do cristianismo.

Cada experiência da vida de Jesus e cada circunstância foram vividas de forma radical, a ponto de mergulhá-lo no mais trágico e desumano da História. O verbo *cumprir* comporta uma dinâmica muito mais rica e sutil do que, à primeira vista, possa aparentar. Jesus afirma ser necessário cumprir toda a Justiça ao ser questionado por João Batista na narrativa do batismo (Mt 3,15). Diz, também, que não veio abolir a Lei mas cumpri-la integralmente, no Sermão da montanha (Mt 5 – 7), quando se coloca em relação à Lei,

“(…) No primeiro caso, trata-se da necessidade de pôr em prática o desígnio do Pai, até às últimas consequências, sem interpor dificuldades. Mesmo sem perceber a lógica de sua ação, quando se trata da vontade divina, é dever do ser humano submeter-se humildemente. No segundo caso, Jesus manifesta sua disposição de obedecer a Lei mosaica, porém reformulando-a a partir de uma interpretação radical, de modo a superar a superficialidade da letra e atingir o espírito que a inspirou (VITÓRIO, 1998, p.53)”.

Compreendido o contexto no qual a comunidade mateana encontra-se inserida, e depois de ter vislumbrado e apreendido o trabalho redacional, teológico e pastoral do autor do primeiro evangelho, caberá analisar o capítulo 18, o qual apresenta a catequese para a comunidade do Reino.

3. ANÁLISE NARRATIVA DO DISCURSO ECLESIAL – MT 18

O capítulo 18 é dirigido somente aos discípulos. Mas se lermos com atenção, perceberemos ele tem um destinatário implícito: as lideranças da comunidade, aqueles que possuem a tarefa de dirigir a comunidade no processo de interiorização do projeto de Jesus. Todavia, continua sendo um discurso que inclui a todos.

“Não é possível decidir se o discurso de Mt 18 dialoga com os pequenos ou com os grandes. Ora, da parte de um narrador que não hesita em preencher as lacunas do texto de Marcos quando acredita necessário, a indecisão só pode ser algo consciente. Mediante esta indeterminação, o narrador força o leitor a perguntar qual será sua condição na comunidade: é um pequenino que o discurso protege? É um grande que causa a queda de outros crentes, convocado por isso a reconhecer a gravidade do seu comportamento? O discurso convida ao leitor a um debate interno a comunidade sobre o papel e o estado ocupado por cada um. Como consequência, o convite para tornar-se pequeno, que abre o discurso (18,3), vale também para os grandes:

escutando esta palavra, eles compreendem que o pequeno que fazem cair são o próprio exemplo da condição dos fieis, que são chamados a assumir, inspirando-se naquela condição humilde. Como será confirmado pela nossa leitura da regra disciplinar de Mt 18,15-17, a compreensão do discurso pretende ter um efeito prático: colocar em relação, ao interno da comunidade, aqueles que estão (são) separados do conflito ou do perigo. Quem são os pequenos ou quem são os grandes? Recusando-se a fixar narrativamente sua identidade, o narrador provoca estas perguntas e estimula o debate (MARGUERAT. 2013, p. 207)”.

A comunidade que está se formando e crescendo é chamada a passar da fé inicial, dita “fé pequena” para a fé discipular (adulta), e a compreender o projeto de Jesus e o Reino que ele anuncia. O leitor-discípulo encontra nessa sessão literária, a catequese norteadora para a vida comunitária, de modo a viabilizar a compreensão dos discípulos-missionários, acerca do projeto de Jesus e em relação à Fé em sua pessoa.

A compreensão do projeto de Jesus exige coerência da parte do discípulo e da comunidade. Por isso, o Reino que se anuncia, deve, antes de tudo, ser vivido. O *ad extra*, anunciado para os outros, deve ser vivido *ad intra*, por aqueles que foram constituídos pregadores e catequistas na comunidade do Reino.

O problema ao interno de nossas comunidades eclesiais hoje, é que muito se prega e pouco se vive. Essa postura de vida recebe o nome, no evangelho de Mateus, de “hipocrisia”. É a principal falta, erro ou pecado que Mateus critica em sua comunidade: aquele que apenas aparenta ser cristão, quando, na verdade, não o é. Ao interno da comunidade, Jesus não admite tal comportamento.

A pergunta sobre quem poderia ser considerado digno de importância no Reino dos céus, “quem é o maior no Reino?”, é o estopim para o ensinamento de Jesus. Mateus, recorrendo o ensinamento do mestre, estabelece, ao interno de sua comunidade, um princípio relacional importante: “*vocês são todos irmãos*”, “*não existe Maior ou menor*”, de modo a estabelecer uma verdade norteadora para ela: a não existência de hierarquias no evangelho.

O princípio da comunidade cristã é o da Igualdade. Exatamente na contramão do modo de vida proposto pelos escribas e fariseus, os quais exigiam ser notados nas praças, só para serem colocados em evidência pela gente simples. Mentalidade também vigente no Império Romano. Infelizmente, essa maneira de pensar penetrou na comunidade cristã. Através da pergunta sobre o maior e o menor, os discípulos, nos versículos iniciais do capítulo 18, pretendem que Jesus lhes diga qual é a hierarquia a ser seguida dentro da comunidade.

A resposta de Jesus aos discípulos, no início do discurso eclesial, revela-se um gesto parabolico: toma uma criança⁴, coloca-a junto de si e diz, “*Em verdade vos digo, se não mudardes e não vos tornardes como as crianças, de modo algum entrareis no Reino dos Céus. Aquele, portanto, que se tornar pequenino como esta criança, este é o maior no Reino dos Céus (Mt 18,4)*”.

O pano de fundo para essas palavras de Jesus revela, na verdade, dois problemas na comunidade de Mateus: 1) a relação do discípulo com o Pai; 2) e a relação dos líderes da comunidade. Quanto ao primeiro, deve ser levado em conta o tema da confiança do discípulo: em relação a quem o discípulo deve depositar sua confiança? Já em relação ao segundo, o gesto profético serve de alerta para as lideranças da comunidade mateana. Uma vez que elas começavam a suprimir a Deus e a Jesus de seus papéis de guias e mestres, e passavam a usurpar-lhes o lugar, assumindo eles mesmos tais papéis na comunidade.

A solução para esse impasse, segundo o Jesus mateano, seria a da conversão (simbólica) numa criança, a qual coloca toda a sua confiança no Pai. Jesus, aqui, está criticando a mentalidade e a postura de superioridade das lideranças. Como bem precisou Ulrich Luz, “se os destinatários são os pequenos, então o convite a não desprezá-los assume um valor de uma exortação solene (cf. MARGUERAT. 2013, p.206).”

O problema evangélico que subjaz na intenção de alguém pretender ser superior aos demais na comunidade é o de determinar a vida do outro, impondo-se na vida dele como se fosse Deus. Tal postura de superioridade de um irmão ou de um líder comunitário acaba culminando numa blasfêmia, a de vestir a roupa de Deus e usurpar-lhe o lugar na vida do irmão e ao interno da comunidade.

Agir como criança significa deixar de lado a mentalidade da superioridade em relação aos irmãos, principalmente com os da “fé pequena”, e considerar-se igual aos outros, sendo obediente somente a Deus, e orientá-los em relação a Deus. Aquele que encarna em si a metáfora da criança nunca assumirá a tirania do líder-ídolo. Será sempre um irmão entre irmãos, ainda que desempenhe um papel de liderança ao interno da comunidade.

No v.5, o Jesus de Mateus continua sua catequese, alertando, agora, para o risco dos escândalos: “*Caso alguém escandalize um desses pequeninos que creem em mim. Melhor será que lhe pendure no pescoço uma pesada mó e seja precipitado nas profundezas do mar. Ai do mundo por causa dos escândalos. É necessário que ocorram escândalos. Mas ai do homem pelo qual o escândalo vem. Se tua mão e teus pés te escandalizam, corta-os e atira-os ao longe. Melhor que*

4 Marguerat questiona acerca da identidade dos assim chamados “pequeninos”: “Quem são os pequeninos? Pode se tratar de todos os crentes (v. 6), onde eles são qualificados como “estes pequeninos que creem em mim”. Conjectura-se, ainda, ser um grupo específico ao interno da comunidade crente, particularmente por causa de sua condição eclesial (os novos convertidos, os leigos, e etc..) ou social (os ignorantes, as classes sociais mais baixas). Ao nosso parecer é de se descartar que se trate de todos os membros da igreja mateana. Em conclusão, os pequeninos constituem uma parte da comunidade, e precisamente os fiéis que se caracterizam pela sua fragilidade. O mesmo significado se impõe de resto em 10,42, onde a condição de pequeno não equivale a condição de discípulo (mathêtes), mas qualifica a difícil condição de alguns discípulos (MARGUERAT. 2013, p.205)”.

te entres mutilado ou manco para a vida do que ter duas mãos e dois pés e seres atirados no fogo eterno. Se teu olho escandaliza-te, arranca-o e lança-o para longe de ti. Melhor que entres para vida com um só, do que seres atirados para o geena com os dois. Não desprezeis nenhum destes pequeninos, porque eu vos digo, que seus anjos nos céus veem continuamente a face de meu Pai que está nos céus". Obviamente, Jesus diz tais coisas em tom parabólico.

O tema deste bloco é, sem sombra de dúvidas, o escândalo. Mas o que vem a ser "escândalo" no sentido do evangelho? Palavra que vem do gr. *Schandalon*, significa literalmente "pedra" ou um obstáculo que faz cair. Neste caso, as vítimas do escândalo acabam sendo os pequeninos.

Devemos lembrar-nos de um esquema didático-pastoral utilizado por Mateus, a dinâmica das três categorias comunitárias: Multidão – Discípulos – Apóstolos. Para o catequista bíblico existem três estágios a serem percorridos pelo indivíduo na dinâmica comunitária e na adesão ao Reino. O *primeiro estágio* deste caminho é o de ser contado entres as multidões. Elas se sentem atraídas pelas palavras e atitudes de Jesus e se põem a escutá-lo. Após esta atração, vem o compromisso com as Palavras e a Vida de Jesus; elas são convidadas a dar o passo para a *segunda categoria*, o Discipulado. Nesta etapa, o fiel é convidado a tomar parte da vida do mestre, fazer a experiência do permanecer com Ele, na escuta atenta de sua palavra e na comunhão de sua vida, fazendo e renovando sua adesão ao projeto do Reino. Neste estágio, o discípulo é convidado a "ouvir a palavra do mestre e pô-la em prática", dando o passo para o *terceiro estágio* (ou categoria) da vida do Reino: o apostolado.

Torna-se apóstolo (discípulo-missionário), aquele que passou a limpo a vida e história de Jesus, em sua vida; ou seja, fez a leitura de sua própria vida, através da vida de Jesus, mediante a experiência pascal do mestre. Só então recebe a missão de ir pelo mundo e anunciar o evangelho do Reino, fazendo discípulos de Jesus, aqueles que encontrarem pelo caminho, batizando-os, isto é, investindo-os do mesmo Espírito de Jesus, em vista da missão. O apóstolo não poderá esquecer-se de sua condição de discípulo.

Compreendido este esquema, fica evidente que os pequeninos, a quem se refere Jesus são os recém-chegados ao discipulado. Aqueles que aderiram à pessoa do Mestre, e estão se esforçando no discipulado cristão. Mas não é porque estão neste empenho que conseguirão o que estão querendo. Podem se empenhar muito e conseguir pouco.

Diante destes pequeninos, qual a tentação inerente aos líderes da comunidade? A de serem severos e intransigentes, a ponto de fazê-los desistir da caminhada no projeto do Reino, e do discipulado cristão. De tão duros, severos e intransigentes impedem a caminhada dos pequenos na fé, provocando-lhes o retorno para o grupo da multidão.

Nesse sentido, a advertência sobre os escândalos recai sobre as lideranças intransigentes, que se tornavam obstáculos para os integrantes da comunidade. Eles não tiveram a paciência de integrar a pessoa no seio da comunidade. Entristece pensar e constatar que, ainda hoje, nas comunidades eclesiais isso acontece. Fazendo emergir a arrogância das lideranças,

imbuídas da mentalidade do *anti-reino*, que pregam e pretendem dignidades frente à igualdade, autoritarismo frente à autoridade-serviço, e acabam por não promover e fazer crescer o outro, os pequenos, vitimizand-os através da lógica e da estrutura do anti-poder. Mateus considera tal atitude antievangélica e não a deixa passar em branco.

A comunidade tem por missão acolher aquelas pessoas que estão dando o passo para o discipulado do Reino. Se as lideranças intransigentes fazem frente ao processo dos pequenos discípulos, acabarão por frustrar lhes, tornando-se obstáculos para o processo histórico-escatológico, empreendido pelo discípulo-missionário de Jesus. Malogrando a história relacional entre o discípulo e Jesus. Tal postura configura-se um pecado grave ao interno da comunidade.

O Jesus mateano utiliza uma série de metáforas a partir do v.6. Em caso de escândalo, o escandalizador melhor faria *“se pendurasse no pescoço uma pesada mó e se precipitasse para as profundezas do mar”*. O que significa isso? No nível do leitor implícito, a comunidade não poderá compactuar com um líder assim. A solução seria a retirada desta liderança do seio da comunidade, de modo que ela não volte mais.

O v.7 merece nossa atenção e uma correta interpretação: *“Ai do mundo por causa dos escândalos. É necessário que haja escândalos. Mas, ai do homem por quem o escândalo vem”*. Dentro da comunidade, a realidade do escândalo sempre existiu, pois há aqueles que são joio e peixes ruins. Gente que abraçou o Reino mas que não foi capaz de colocá-lo como seu absoluto. A comunidade não é perfeita, por isso pode acontecer escândalos. Ninguém está vacinado contra isso. Mas não significa que o escandalizador possa ser desresponsabilizado.

Errar é humano, alguém dirá. No entanto, a partir dessa perspectiva, poder-se-ia abrir a porta para a irresponsabilidade no horizonte das relações fraternas e comunitárias. Errar é desumano, no sentido fraterno-moral, o que gera a *fratura* na relação entre o discípulo e Jesus. E a liderança ou o membro da comunidade que escandaliza deverão responder à ele, que em tudo tem a ultima palavra.

Dos v.8-9 temos outras séries de metáforas que merecem novamente nossa atenção. Se as mãos, os pés e os olhos são motivos de escândalo para os outros, se faz necessário arrancar e jogá-los para longe de si. Faz-se necessário esclarecer aqui um conceito da *narratologia*, que é o do *“dito e do afirmado”*. Temos o dito *“mãos, pés e olhos devem ser arrancados e lançados para longe de si”* se eles induzirem ao escândalo pessoal e comunitário. Mas o que o dito quer ensinar, ou afirmar, é que se deve cortar o mal pela raiz. De modo que ela não compactue com mal do escândalo. Em outras palavras,

“Se as mãos, os pés, os olhos são mediadores de escândalos, isto é, causam a perda de um pequenino, “corta-o e joga-o para longe de ti” (18,8a-9a). Jesus fala de automutilação com uma retórica altamente hiperbólica; o significado é claro: fazer cair o irmão fraco é um crime tão grave, que ao invés de consentir é melhor amputar-se (MARGUERAT. 2013, p. 209)”.

Outra consideração: estes versículos não podem ser interpretados sob a perspectiva de um moralismo, como se tratasse de um pecado moral, quer da liderança, quer da comunidade, que devesse ser reparado. Como que se o líder não pudesse pecar. Ora, a própria liderança dos discípulos-apóstolos, Pedro, afundou ao caminhar sobre AS águas. E será também chamado de Satanás, opositor do projeto do reino, por não ter ainda compreendido o propósito de Jesus. A perspectiva aqui é ético-comunitária.

Infelizmente em nossas comunidades eclesiais foram se criando imagens quase que intocáveis das lideranças, ao invés de se criar um espaço de liberdade e crescimento pessoal e na fé. A ponto de se viver uma relação de domínio frente à liberdade, de arreios em detrimento da pedagogia da condução. Posturas que nada tem a ver com o projeto de Jesus.

No v.10, Mateus insere espécie de princípio pastoral: *“Não desprezeis nenhum desses pequeninos, porque eu vos digo, que seus anjos nos céus veem continuamente a face de meu Pai, que está nos céus”*. O que Mateus quer ensinar para sua comunidade com essas palavras de Jesus? A comunidade deve respeitar o processo de aprendizado do discípulo, mesmo diante de suas mazelas, compreendo a sua dinâmica relacional com o Pai que está nos Céus. Assim, o dito *“Não desprezeis nenhum destes pequeninos...”* significa, *não os privar da relação com o Pai*. Entre o discípulo do Reino e o Pai existe uma continua relação. A primeira pessoa interessada na relação com aquele discípulo pequenino é Deus-Pai.

A pessoa que está fazendo um esforço hercúleo para se configurar ao projeto do Reino e do discipulado cristão, assimilando a sabedoria do Reino, faz isso sob o olhar amoroso do Pai. A vida dele é toda protegida por Deus. E está constantemente sob Seu olhar, e ninguém poderá desprezá-lo. Caso contrário, desprezar-se-á o próprio Deus. Pior, contradiz o próprio Deus, e isso não se faz, porque Ele não é contradição. A mentalidade do *“esse tem mais valor do que aquele”* não pode ter lugar na comunidade do reino. Não se trata só de um conflito entre discípulos, mas de um conflito com o próprio Deus.

Do v.12-14 Mateus introduzirá uma parábola: *“Que vos parece? Se um homem possui cem ovelhas, e uma delas se extravia, não deixa ele as noventa e nove no monte e vai procurar a extraviada? E quando acha-la, em verdade vos digo, terá ele maior alegria do que com a noventa e nove que não se extraviaram”*.

“Comenta Marguerat que, (...) diferentemente do relato lucano, a parábola mateana se apresenta menos que uma história narrada que como um estudo de casos expostos em forma de metáfora. A forma retórica “Que vos parece?” (18,12) interpela o leitor, ao ponto que a parábola se torna um diálogo do autor com seu leitor e leitora implícitos, de quem busca um consenso. Igualmente, concluir a busca da ovelha com um “em verdade vos digos” (v.13) contribui para dar ao conjunto da parábola uma forte dimensão argumentativa (MARGUERAT. 2013, p. 210).”

Aqui, emerge um princípio fundamental da pastoral genuinamente evangélico-cristã: não é da vontade do pai do céu que nenhum dos pequeninos se perca⁵. O princípio nada tem a ver com liturgias, dízimos, ou com espiritualidades desencarnadas. Antes, consiste em levar os outros a fazerem a experiência do amor filial com Deus, que não quer que ninguém se perca.

Interessante notar que esse texto de Mt 18,12-14, numa leitura sinótica com Lc 15,3-7, é encontrado na Fonte dos Ditos, e inserido no conjunto das parábolas da misericórdia, de modo a explicitar a misericórdia de Deus para com o homem. Mateus a inseriu no Discurso eclesial. A diferença é que em Mateus, a ovelha é extraviada, e em Lucas, é a ovelha perdida. Extraviar é sair do caminho. O evangelista pretende acenar que ela estava fazendo um caminho de discipulado que foi interrompido, por ter saído do caminho. Diante disso, qual a postura da comunidade? Não poderá ser aquela da quantidade, pois a comunidade do reino não pode ser pautada pela lógica do número. O fiel não é um número, mas uma pessoa. Em Lucas, as ovelhas estão no deserto, e em Mateus, estão na montanha. Isso é importante, pois para o primeiro evangelista, a montanha é o lugar do ensino. É mister recordar, que o discurso inaugural de Jesus, em Mateus, se dá na montanha (Mt 5 – 7). Ali se reúne a multidão, da qual sairão os discípulos-missionários para o reino. Uma vez que a pessoa deu o passo para o discipulado, a comunidade deve dispensar a atenção sobre ela.

Contudo, este processo de extravio pode ser causado, também, pelas próprias lideranças da comunidade. Mas o papel da comunidade é o ponto central. Ela não pode minimizar a saída deste membro. Antes, deve preocupar e esforçar-se por reconduzi-los no caminho do discipulado, que consiste na experiência de amor filial Com Deus. Nesse sentido, quando a ovelha é encontrada, isso se torna ocasião de alegria, porque se ajudou a pessoa a retornar para o caminho do discipulado do reino.

Outro ponto é o caso da exclusão de alguém do seio da comunidade. Na conclusão, Mateus mostrará como se dá esse processo. Todo o esforço do evangelista consistirá em não permitir que o membro da comunidade dependa do arbítrio do líder da comunidade.

A regra disciplinar expõe um procedimento em três momentos, a respeito do irmão que cometeu uma falta: antes de tudo uma correção (18,15) feita em particular; em seguida uma conversa com uma ou duas testemunhas (18,16); por fim, a comunicação à Igreja (denominada com seu título teológico *Ekklesia*, 18,17); se por sua vez, também esta não tiver êxito, conduza à ruptura da relação; na linguagem judaico-cristã, pagão ou publicano é o contrário do crente (MARGUERAT. 2013, p. 208).

5 “Mateus reconfigura a narrativa para dar precedência à procura da ovelha: sua descoberta é só uma opção possível. Além disso, a conclusão insiste sobre a vontade divina de não deixar que ninguém se perca. Por outro lado, Mateus não fala como Lucas de ovelha perdida, mas de ovelha extraviada. A figura do pequenino, que dominou o discurso até este ponto, se encontra requalificada na imagem do irmão extraviado. Ao mesmo tempo, o extravio do irmão não possui conotações de falta, mas de um estado de fragilidade que requer o investimento da busca (MARGUERAT, 2013, p. 210)”.

Esse tipo de procedimento pretende evitar o perigo de que as lideranças da comunidade exerçam a autoridade embasada na opressão, e não no serviço. A pessoa poderá ser excluída da comunidade, porém dentro de um processo que não pode ser arbitrário, tampouco definitivo.

O catequista bíblico trabalhará com uma casuística, em três passos: 1) “Se o teu irmão pecar... (omite-se o acréscimo *contra ti*)”: se o irmão começar a tomar atitudes incompatíveis com o projeto do Reino, levando uma vida que não condiz com o projeto de Jesus. O pecado, no horizonte do Reino, é quando a pessoa se coloca contrário ao projeto prescrito em Mt 5 – 7. Este deve ser chamado, e deve ser mostrado a ele que o *ethos* que vive é incompatível com o Reino. Essa primeira advertência consiste em chamar o irmão consigo. Podendo, porém, haver dois resultados: positivo e negativo. O primeiro consiste no reconhecimento do caminho contrário e na conversão, possibilitando ser reintegrado na vida da comunidade. Mas o resultado negativo também poderá ocorrer. Contudo, essa negativa não implica na sua imediata exclusão da comunidade.

O segundo passo se fará necessário: a convocação de mais duas ou três testemunhas. Mateus revela, nesse passo, o caráter judaico de sua comunidade. Ele deixa transparecer a normativa da *Torah*, que prescreve que um testemunho só poderá ser levado em conta na presença de mais de uma pessoa. Esta etapa é mais séria do que se imagina. Não só o enquadramento, mas o envolvimento de mais duas testemunhas dá peso ao procedimento, de modo a não deixar transparecer arbitrariedades, mas algo sério para a vida da comunidade. Tampouco se trata de uma pressão psicológica, mas de uma advertência em vista do projeto do reino. Mais uma vez, dois resultados podem aqui ocorrer. O resultado positivo seria a tomada de posição favorável ao projeto do reino, devido à seriedade do procedimento realizado. Mas o resultado negativo não está fora de questão.

Um terceiro momento deverá ser realizado, caso os dois primeiros não surtam efeito: convocar a comunidade, de modo que a decisão não se estabeleça mediante o arbítrio das lideranças. De novo existe a possibilidade de um resultado positivo e outro negativo. No entanto, a consequência será mais séria, a ponto de a comunidade reduzir o indivíduo ao grupo da multidão, sendo retirado do seio da comunidade e do processo do discipulado. Todavia, essa sentença não é escatológica – não se trata de uma última palavra. Mas de um juízo pastoral, e, por que não, pedagógico. Ser *lançado ao fogo* significa ser devolvido para o meio da multidão. Contudo, a comunidade deverá se esforçar por refazer com este indivíduo o processo do discipulado, sempre de novo.

O número 3 é na *gematria* bíblica é o número do ser humano. Representam as três dimensões constitutivas da pessoa: alma, espírito e corpo. Sua totalidade. Significa aqui a opção incondicional pelo ser humano, que a comunidade constantemente deverá exercitar. A comunidade deverá sempre apostar nele e em sua conversão, favorecendo-o na retomada da caminhada discipular. “Se trata de uma gestão de conflito interpessoal mediante um

procedimento de reconciliação e não de uma arma à disposição do grupo eclesial para eliminar suas ovelhas negras (MARGUERAT. 2013, p. 209)”.

Os vv.19-20 devem ser explicados dentro deste contexto da chamada correção fraterna, evitando-se uma hermenêutica voltada para a importância da oração comunitária. Mateus os inseriu nesta parte do discurso para dar ênfase ao contexto do procedimento comunitário. *Céu e Terra* são duas imagens utilizadas pelo evangelista. A primeira, *céu*, refere-se ao âmbito do Pai. Já a *terra* refere-se ao âmbito da comunidade cristã. O evangelista quer ensinar que existe uma estreita relação entre o Pai e a comunidade. Em Segundo lugar, a comunidade deve estar sempre voltada para o querer do Pai. Quando ela se reúne para tomar uma decisão sobre o irmão faltoso, primeiramente deve buscar o discernimento, a partir da vontade do Pai, e não em seus líderes.

Quando a comunidade faz aquilo que corresponde ao querer do Pai, então poderá ter a convicção de que Ele chancelou a sua decisão. O contrário representará imaturidade, exclusão e marginalização, um pecado grave, do qual prestará contas depois, no dia do Juízo. Estas orientações não podem ser levadas com ouvidos de mercador. O importante, nesse caso, é que o poder-autoridade é entregue à comunidade toda, e não exclusivamente às lideranças.

A comunidade deve orar para discernir acerca da decisão a ser tomada em relação ao irmão. Deve tomar a consciência de que no meio dela está Jesus. É, pois, uma oração que se faz na presença do ressuscitado, conduzida por seu Espírito. Aparece aqui o eixo cristológico da catequese de Mateus.

Evidencia-se nesta perícopes todo o esforço do evangelista em coibir, ao interno de sua comunidade, qualquer postura leviana, vingativa, revanchista, autoritária, moralista de algum líder. Quando essa mentalidade entra na vida comunitária, os indivíduos ficam completamente fragilizados e a comunidade se fragmenta. Esta não deve depender e tampouco se submeter ao humor, ao gosto e ao querer do líder. A comunidade é a *comunidade* do Reino, e as lideranças devem se submeter ética do Reino, e não impor suas vontades.

No vv.21-22 apresenta-se o diálogo entre Pedro e Jesus acerca do Perdão. A pergunta pode soar intimista, na eventualidade de o irmão pecar contra ele. A pergunta de Pedro deve ser compreendida da seguinte forma: quanta vez se pode permitir ao irmão que pecou retornar para o seio da comunidade? Pedro pergunte se *até sete vezes*. Este número de ocorrências, na verdade, é uma metáfora para a máxima vingança narrada pelo Antigo Testamento: a vingança de Lamec, em Gn 4,24. O número sete significa a plenitude de ação.

Jesus responde: “*Não te digo até sete vezes, mas setenta e sete vezes*”. Sempre que a pessoa quiser voltar, deverá ser acolhida, mesmo que se anteveja sua queda. É o problema dos “*De Lapsis*”, aqueles que caíram na fé diante da perseguição do Império Romano e do Judaísmo formativo da época. Aqueles apostatavam a fé, mas por medo de morrer. Mais tarde voltavam arrependidos para comunidade e pediam para serem acolhidos novamente. Mateus recupera este ensinamento de Jesus, tendo em vista certas correntes severas de cristãos, que pensavam

que uma vez acontecida a queda da pessoa, esta seria definitiva, não admitindo o retorno daquela à comunidade. Ora, a pessoa renegara sua fé por medo e não por convicção. Nesse caso, ao invés da máxima vingança, o máximo perdão deve tomar lugar na vida comunitária.

Diante do que foi perguntado por Pedro, acerca do perdão fraterno, Jesus, do v.23-34 entabula uma parábola. Tomemos a primeira parte dela (23-27). A história de um rei a quem se devia muito dinheiro. Querendo acertar as contas, ele chama primeiramente o servo que lhe devia dez mil talentos (de ouro ou prata, em torno de 34,232kg. Multiplique isso por dez mil; uma quantia inimaginável). Não tendo condições de pagar, o rei ordena que o servo seja vendido como escravo, juntamente com sua mulher e filhos. Ele, então, se ajoelha diante do rei e pede um prazo para o pagamento da dívida. Este, por sua vez, compadecido (cheio de misericórdia), atende-o. Parece um absurdo: o sujeito deve uma enorme fortuna, está preste a ser penalizado, e o rei o perdoa. Uma incongruência, o que se revela implausível.

A parábola continua no v.28. Jesus ressalta bem uma discrepância: o servo devedor devia uma quantia impagável. Ao passo que seu companheiro lhe devia cem denários (menos de 30g de ouro). O servo não compreende a dívida irrisória e pagável de seu companheiro. E exige-lhe o pagamento. Ao ser agarrado pelo servo, o companheiro suplica-lhe um prazo para o pagamento da dívida. Mas o servo cruel lançou-o na prisão.

O servo perdoado pela misericórdia do rei, não usou de nenhuma misericórdia para com o companheiro devedor. Os que ficaram sabendo da atitude do servo foram ao rei e o delataram. Este chamou-o e interrogando, disse: “*Servo malvado, eu te perdoei toda a tua dívida, porque me suplicaste. Não devias tu também ter compaixão do teu companheiro, como eu tive compaixão de ti?*”. O rei, irritado, mandou entregá-lo aos carrascos e lança-lo na prisão, ordenando que não saísse de lá, até que pagasse toda a dívida.

A partir da fala do rei, o que se esperava do servo? Assim como ele foi perdoado, que perdoasse o seu companheiro. Dar o passo da misericórdia. O evangelista Mateus pretende propor, para sua comunidade, que ela seja, constantemente, espaço de misericórdia. Chega-se, pois, à conclusão do discurso eclesiológico, com os v.35: “É assim que o meu Pai que está nos céus fará convosco, se cada um não perdoar de coração ao seu irmão”.

No capítulo 5, Jesus ensina seus discípulos a rezar. Na oração ensinada por Ele, contém a petição acerca do perdão de si: “*perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos os nossos devedores*”. Um perdão gratuito de Deus, que deve ser medido na vida do fiel, expressado pelo demonstrativo “*assim como*”.

Ora, essa atitude do fiel é modelo para atitude escatológica de Deus. A atuação do fiel na história serve de paradigma para Deus, no tratamento para com essa pessoa na dimensão escatológica e pessoal. Na oração do Senhor, pede-se ao Pai para que, escatologicamente, na plenitude da vida vindoura, tenha a mesma atitude que o fiel teve no decorrer de sua história.

A pessoa que foi destinatária do amor misericordioso de Deus deve ser instrumento desta mesma misericórdia na vida dos outros. As pessoas precisam encontrar no âmbito da

comunidade o espaço de acolhimento, reintegração. Uma verdadeira casa de misericórdia. Igualmente, as lideranças das comunidades cristãs. Elas devem ser os instrumentos da misericórdia divina. O que se perdoa de uma pessoa, que rompeu com a comunidade, não é nada comparado ao perdão escatológico de Deus.

A comunidade e suas lideranças, quando perdoam em nome de Deus, deverão saber que o perdão que transmite à pessoa que errou é muito inferior, frente ao perdão recebido de Deus. Todavia, existe ainda uma última recomendação: *“perdoar o irmão de Coração”*. Como entender essa orientação? Perdoar sem reservas, sem guardar, no coração e na mente motivos que depois possam ser trazidos à tona, em detrimento à pessoa perdoada.

CONCLUSÃO

O discurso como um todo, apresenta os grandes eixos do *ethos* da comunidade do Reino. A partir da análise do discurso, constatamos que existe um convite a um olhar igualitário entre os membros da comunidade, de modo a não existir distinções entre maior ou menor. E que os traços da fraternidade ajudam a identifica-la como comunidade do Reino, que vive o projeto de Jesus e do Pai, onde todos são irmãos, na comunhão e no amor fraterno.

A prática da misericórdia é um aspecto que a distingue enquanto comunidade dos *com-Jesus*. Esta prática da misericórdia-compaixão aparece no exercício do perdão aos pequeninos-discípulos extraviados e com os pecadores da comunidade; e, em última análise, em relação à Deus.

O elemento cristológico dentro deste discurso aparece no fato de a comunidade discernir sua prática e conduta à luz do Ressuscitado, cujo centro é Ele. No v.20 aparece bem claro o elemento cristológico: *“onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estou ali, no meio deles.”*

Nesse sentido, o elemento cristológico serve para combater a tendência das lideranças comunitárias arrogarem para si, de modo arbitrário, o juízo escatológico, e, portanto, a última palavra sobre os membros da comunidade, e sobre os pequenos-discípulos, que estão o dando o passo da fé e do discipulado, mas que correm, também, o risco de se extraviarem pelo caminho. Ora, a comunidade não pode se centrar sobre a pessoa do líder (ou do guia, do guru, dos ministros ordenados ou das lideranças religiosas). Ela deve ser referenciada à pessoa de Jesus.

Outro elemento importante é o teológico, a imagem do Deus. A comunidade é referenciada à Jesus, como foi dito acima, sob o Olhar do Pai. Isso é importante, porque este ensinamento eixo visa coibir a tentação das lideranças de usurpar o lugar do Pai. O líder não pode assumir o lugar de Deus no processo histórico da caminhada de fé da comunidade, dando vazio ao abuso de Poder. E a comunidade não deve estar voltada para o querer do líder, mas afinada e discernida a partir do Espírito do ressuscitado. Mas quando as lideranças

suplantam a Deus, referenciando a comunidade para si mesmos, e quando a comunidade legitima tais posturas, ela perdeu sua referência, e encontra-se na contramão do projeto de Jesus, e distante do olhar do Pai.

O Esforço de Mateus consistiu em configurar a comunidade cristã à luz do projeto do Reino dos Céus. Quem não pautar e orientar seu agir para a meta que é o Reino, mesmo sendo da comunidade (integrantes e lideranças), e não der o passo do discipulado, não poderá ser considerado membro da comunidade messiânica de Jesus. Tampouco comunidade eclesial cristã. Poderá ser outra coisa, e assumir outras facetas e rótulos. Mas não será genuinamente reconhecida como cristã, tampouco do Reino dos Céus.

REFERÊNCIAS

- BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos I*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1990. (Col. Bíblica Loyola, 1).
- LE POITTEVIN, P; CHARPENTIER, E. *El evangelio según San Mateo*. 8.ed. Navarra: Verbo Divino, 1987. (Col. Cuadernos Bíblicos, n.2).
- LUZ, Ulrich. *El evangelio según San Mateo*. Ediciones Sigueme: Salamanca, 2003. Vol. I – IV.
- MARGUERAT, D; WÉNIN, A. *Sapori del racconto bíblico: una nuova guida a testi millenari*. Bolonha: EDB, 2013.
- OVERMAN, J. Andrew. *Igreja e comunidade em crise: o Evangelho segundo Mateus*. São Paulo: Paulinas, 1999.
- VITÓRIO, Jaldemir. *Cristologia em contexto de Crise – o caso Mateus*. *Convergência*, n.33 (1998). p.45-61.